

Desafios da educação integrada: um estudo bibliográfico, em contexto metodológico para o ensino-aprendizagem

Elisete do Belém Karam

Bacharel em Ciências Econômicas (UNICENTRO 2002) e Licenciada em Arte-Educação (UNICENTRO 2012). Especialista Arte-Educação; Especialista Didática e Metodologia do Ensino Superior; Especialista Mídias na Educação; Especialista Educação do Campo.

DOI: [10.47573/aya.5379.2.68.20](https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.68.20)

RESUMO

Este estudo bibliográfico, tem como objetivo, construir conhecimentos para futuras ações pedagógicas de integrar disciplinas, a partir de obras literárias de alguns teóricos da educação: Bochkniak, Carvalho, Elias e Feldman, Fazenda, Kuenzer, Melo e Urbanetz, Piletti, Meszáros, Santomé, Zabala, com respaldo na Legislação para a educação no Brasil. Propõe contribuir para o ensino-aprendizagem na educação básica e a interação dos estudantes, vindos de outros espaços, conhecimentos familiares e de amizades, vivências e saberes que possuem, além dos que irão adquirir no ambiente escolar. Se justifica ir além do conhecimento científico à socialização dos estudantes, com outros espaços, conhecimentos, vivências e saberes, além dos que já trazem para a escola, desestimulando a evasão e repetência. Aspira o planejamento de aulas, que contemple a realidade em que a escola está inserida, direcionada à ação didática e metodológica, auxiliando no processo de educação integral. Considera-se os currículos voltados para processos formativos, numa perspectiva de formação social e humana. Intenciona a ação mútua entre docentes, no sentido de integrar suas disciplinas, bem como as novas formas de se conceber e produzir o saber, analisando a relação entre informação e conhecimento, numa metodologia harmonizada, contextualizada ao ensino e aprendizagem e educação integrada.

Palavras-chave: aprendizagem. educação integrada. ensino. metodologia. planejamento.

INTRODUÇÃO

A educação é um processo dinâmico e tem por objetivo desenvolver e integrar o indivíduo de forma organizada na comunidade através do estímulo e desenvolvimento da consciência social. Para isso, se faz necessário tornar o ambiente escolar um lugar atrativo, onde os estudantes possam desenvolver suas capacidades de forma harmonizada. É necessário refletir sobre de que forma, docentes e funcionários podem contribuir para o ensino e aprendizagem dos estudantes, relacionando os estudos científicos com o que cada um tem de conhecimentos sobre suas culturas, meio em que vive, entre outras peculiaridades, para que ocorra de fato a inserção na escola.

O objetivo geral, se apresenta na necessidade de construir conhecimentos teóricos, para futuras ações pedagógicas de educação integrada, que auxiliem na prática docente.

b) A problematização surge com os questionamentos sobre a prática pedagógica interativa entre as disciplinas da educação básica, nas escolas públicas, tais como: há o desenvolvimento e integração das práticas educativas, contribuindo para a formação intelectual e social de cada indivíduo enquanto estudante? As metodologias de ensino estão harmonizadas com o entendimento de cada um, levando-se em conta que as salas de aula possuem estudantes inclusos, com necessidades diferenciadas uns dos outros?

c) Quanto a tipologia de pesquisa, sendo bibliográfica, propõe análise textual e reflexiva, referenciando autores (as) da educação, contextualizando ensino e aprendizagem e a educação integrada.

d) Justifica-se com relevância social e científica, indo além do lógico e da cognição, mas pretendendo a integração dos estudantes, com outros espaços, conhecimentos, vivências e saberes, além dos que já trazem para a escola, ainda a não repetência e evasão

escolar promovendo a inclusão em vários aspectos, bem como sociais e econômicos.

A iniciativa em estimular desenvolvimentos metodológicos, estimulando as atividades educacionais em sala de aula, favorecendo o diálogo dos estudantes entre si, juntamente com os docentes, num sistema lógico de conhecimentos já preparados entre os docentes, é que irá gerar um processo de transmissão e assimilação dos conteúdos cognitivos. Sabe-se que o processo de mediar teoria e prática, se dá a interação entre consciências e procedimentos, para a transformação da realidade. Conceber os trabalhos práticos e o intelectual por meio do ensino, só integra cada vez mais os sujeitos.

[...], o processo de formação de professores deve abranger não apenas o desenvolvimento de competências técnicas para o exercício profissional, mas o desenvolvimento da capacidade de intervenção crítica e criativa nos processos de formação humana, porque esta é a própria natureza dos processos educativos. (KUENZER, 2016, p. 29).

Refletir sobre “o ensinar” aos estudantes, nas diversas disciplinas, proporciona a interpretação de problemas lógicos, compreendendo e produzindo textos específicos, com o intuito da aprendizagem como um todo, oportunizando o desenvolvimento de outras capacidades como atitudes e inferências, diálogos e experiências em sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

O método utilizado deve atender à aprendizagem

O que estrutura a disciplina é o método de ensino utilizado, com um conteúdo selecionado e organizado, e, ainda, a participação dos docentes discutindo e pesquisando vários temas e suas abordagens. Para isso acontecer, o docente precisa apresentar um tema bem estruturado e com mensagem de fácil entendimento dos estudantes, utilizando vários recursos de ensino, que sirvam de estímulo para a aula ficar mais interessante.

Conhecendo as dificuldades dos estudantes, pode-se utilizar uma metodologia de ensino, que contribua para melhorar o aprendizado. Como trabalhos em pares, ou grupos, que vai criar situações disciplinares e tarefas mais colaborativas, além de proporcionar troca de informações, raciocínio crítico e cooperação. Segundo Piletti (1985, p. 46), o docente não precisa estabelecer disciplina (obediência às regras), porque “o indivíduo age dentro dos limites estabelecidos por ele próprio.” De uma forma ou outra, a disciplina começa desde criança e continua por toda a vida e os docentes podem desenvolver a responsabilidade entre os estudantes, dentro dos limites de seu nível de maturidade e inteligência.

Manejo educativo – procura criar situações para que o aluno desenvolva a autodisciplina. É exercido pela liderança democrática do professor. O manejo educativo é o melhor tipo de manejo, pois desenvolve o controle democrático, do qual participam alunos e professores como membros do mesmo grupo de trabalho que pretende alcançar os mesmos objetivos. (PILETTI, 1985, p. 46).

O bom relacionamento na sala de aula é muito importante, o docente é o responsável e pode ajudar nos problemas e incidentes que acontecem entre os estudantes. Se a sala de aula tem um bom clima psicológico, de alegria, bom humor e segurança, as atividades se desenvolvem com mais disposição e interesse.

“Cada país, cada sociedade tem realidades e valores diferentes e, por isso tem uma

concepção diferente de educação.” (PILETTI, 1985, p. 13). Segundo este autor, a educação não acontece somente na escola, mas em todo o ambiente em que o indivíduo se encontra inserido, seja por meio de suas culturas, etnias, sociedades política e econômica. Mas, entendemos que a família é o primeiro contato que influi na educação, em seguida a escola, que é o lugar onde o estudante irá passar a maior parte de sua vida.

O planejamento docente, também deve ser direcionado a ação didática e metodológica, porque auxilia no processo educativo, estabelecendo prioridades ou o que for mais relevante a ser trabalhado em sala de aula. Para isso é preciso ter clareza no que é fundamental em cada série, em cada contexto, sem esquecer o contexto social em que nos inserimos. “Parece evidente que o trabalho de cada área é fundamental numa convergência, que busque a educação plena do aluno. É a tentativa de superação da fragmentação do saber, num projeto de ensino voltado para o saber integral.” (FAZENDA, 1995, p. 53). Se o professor tem clareza do que é essencial em sua disciplina e no contexto social dos estudantes, estará alcançando os objetivos propostos para aprendizagem.

Carvalho (2009, s/p), caracteriza o ensino como uma atividade cujo propósito é a realização da aprendizagem, onde sua prática deve respeitar a capacidade de interpretação de cada estudante. “O que faz de um gesto, de uma palavra ou observação crítica um ato de ‘ensino’ é seu propósito de produzir a aprendizagem e o contexto que o justifica, nunca uma técnica ou prática isolada.” Segundo o autor o ato de ensinar estará sempre dependendo de um contexto e um propósito.

Dessa forma o ensino-aprendizagem precisa proporcionar trocas de conhecimentos entre docentes, ou seja, o que cada um têm em sua respectiva área de atuação. Mas, vê-se a necessidade de entendimento entre docentes, devido a horários diferenciados ou outros, para elaborar uma proposta pedagógica, em que aconteçam discussões sobre vários temas entre as disciplinas, porém, ao contrário estão dispersos em sua comunicação no sentido do ensino-aprendizagem, centrados no conteúdo a ser vencido, fundamentando as dificuldades de compreensão entre os estudantes, podendo acarretar baixo rendimento e até evasão escolar.

A adequação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional, 9394/96, dispõe:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. [...] § 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (BRASÍLIA (DF), 1996).

A Lei 9394/96, Art. 1º, se refere à capacitação docente, vindo a contribuir com a formação nos vários segmentos de formação do indivíduo, são diferentes leituras de vivências, interpretações pessoais, compartilhamento de novas ideias e para que ocorra essa educação é necessário muito empenho e interesse em métodos de ensino eficazes.

Segundo Barbosa (2003), ao citar métodos,

A formação do professor se intensifica à medida que ele se defronta com as situações reais do ensino e aprendizagem. Faz parte intrínseca de sua personalidade a reflexão e a pesquisa contínua. Um movimento que se amplia na troca entre seus pares, nos planejamentos coletivos e também nas carências e dificuldades comuns identificadas nos momentos de cumplicidade. (BARBOSA, 2003, p. 158).

Para Barbosa (2003), a formação do professor é contínua e a troca de saberes deve se ampliar entre os demais professores, ir além dos ensinamentos tradicionais e novos, mas unir as contribuições de uns e de outros.

Ou seja, para a autora, o processo de ensino, se separa por disciplinas nos currículos escolares, onde cada docente estará ministrando sua metodologia de ensino de maneiras diferenciadas, sem a preocupação de integrá-las umas às outras, para que o estudante consiga assimilá-las como um todo e não separadamente. Dessa forma, cada docente tem suas próprias características nas atividades educativas, e, ainda, espera-se que ocorra a participação motivadora junto aos estudantes, identificando aí a transmissão do ensino e não a mediação.

Quando identificamos as profundas modificações, que tem ocorrido na educação, desde o século passado, trazendo novos desafios para o ensino-aprendizagem e em consequência a formação eficaz do estudante e o contexto educacional que vivenciamos, neste início de século XXI, apresenta um desafio ímpar: professores da era giz e quadro negro vivenciando a era digital, conectados à rede mundial de informação, com diversos dispositivos eletrônicos incorporando uma nova linguagem, às suas maneiras de pensar e agir. A linguagem das plataformas, aplicativos e tecnologias de comunicação. Além disso, a inadequação do sistema educacional a ser resolvido.

Para Mészáros (2008) sobre a educação, “as soluções não podem ser apenas formais: elas devem ser essenciais.

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa, à gestão da sociedade, seja na forma “internalizada” (isto é, pelos indivíduos devidamente “educados” e aceitos) ou através de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente impostas. (MÉSZÁROS, 2008, p. 35)

Segundo Mészáros existe o domínio estrutural e da subordinação, que contradiz a parcialidade das soluções propostas para a educação que sejam compatíveis com o ponto de vista do capital. Mas, ainda existe a garantia da solução educacional, ou que conforme ¹Owen, citado por Mészáros, “é mais uma vez a afirmação de que a maioria da humanidade se tornará esclarecida.”

Segundo Mészáros,

Nunca é demais salientar a importância estratégica da concepção mais ampla de educação, expressa na frase: “a aprendizagem é a nossa própria vida”. Pois muito do nosso processo contínuo de aprendizagem se situa, felizmente, fora das instituições educacionais formais. Felizmente, porque esses processos não podem ser manipulados e controlados de imediato pela estrutura educacional formal legalmente salvaguardada e sancionada. Eles comportam tudo, desde o surgimento de nossas respostas críticas em relação ao ambiente material mais ou menos carente em nossa primeira infância, do nosso primeiro encontro com a poesia e a arte, passando por nossas diversas experiências de trabalho, sujeitas a um escrutínio racional, feito por nós mesmos e pelas pessoas com quem as partilhamos e, claro, até o nosso envolvimento, de muitas diferentes maneiras e ao longo da vida, em conflitos e confrontos, inclusive as disputas morais, políticas e sociais de nossos dias. Apenas uma pequena parte disso tudo está diretamente ligada à educação formal. (MÉSZÁROS, 2008, p. 53).

Porém, para Mészáros, todos esses processos educacionais, têm enorme importância, não somente nos primeiros anos de formação, como durante toda a nossa vida, sem a qual não

1 Robert Owen, *A new view of Society and Other writings* (Londres, Everyman, 1927), p. 124.

poderíamos adquirir uma personalidade.

Segundo Santomé (1998, p. 124), “As soluções alternativas que visam a uma maior integração curricular, geralmente coincidem na urgência de buscar modos de estabelecer relações entre os campos, formas e processos de conhecimentos que até agora eram mantidos incomunicáveis.” Implica na otimização dos processos de ensino, basta lembrar que em 1970, conforme Melo e Urbanetz (2008, p. 136), “A formação de professores é meramente instrumental, nela o educador é encarado como um técnico, que deve organizar da melhor maneira possível os meios para alcançar os resultados, previamente planejados com eficiência.” Na década de 70, a formação dos professores estava centrada em selecionar conteúdos, estratégias de ensino, objetivos, avaliações, etc. Já mais recentemente, a educação é encarada como um processo de comunicação humana. Segundo Elias e Feldman,

[...] Se houvesse, por parte dos educadores, um esforço individual e coletivo no sentido de mudar a própria postura, procurando caminhos onde o querer, o buscar, o novo fossem priorizados na construção do conhecimento, certamente não haveria a indissociabilidade entre teoria e prática. (ELIAS e FELDMAN, 2002, p. 91).

Não existe teoria sem a prática, existe um conhecimento superficial e ineficaz, enquanto proposta metodológica. Há a necessidade, não somente de cursos, mas de capacitação docente de forma interdisciplinar, incluídos em um mesmo tempo e espaço, para rever o ensino metodológico para sala de aula, “cursos que objetivem a formação de cidadãos críticos, inventivos e participativos.” (BARBOSA, 2003, p. 163). Além disso, seria uma forma de rever os métodos entre as disciplinas, buscando um meio de ministrá-las, tornando-as homogêneas, integrando-as, para fácil entendimento. Ainda em Barbosa,

[...] A inter-relação de conhecimentos de diferentes áreas levaria o aluno, (...) a vivenciar a interdisciplinaridade em seu processo. Seria aconselhável também, que a pesquisa fosse o método de investigação privilegiado. Pois é preciso desenvolver no professor a sua faceta de pesquisador, aquele que sabe buscar, relacionar e elaborar os conhecimentos. (BARBOSA, 2003, p. 156).

Além da bagagem cultural como indivíduo, o professor detém uma cultura pedagógica, ligada à sua cultura de experiência estudantil, daí sua formação profissional. É a partir dessa bagagem que as transformações educacionais podem ocorrer.

Segundo Bochniak (1992, p. 70), “A escola tem preocupação extremada com produtos e desconsideração exagerada pelos processos. Concebe a aquisição de conhecimentos, nas diferentes áreas do saber, como finalidade última do processo educativo.” É preciso conhecer, observar a quem se destina o trabalho pedagógico, qual a metodologia a ser utilizada, quem é o sujeito com o qual iremos interagir, para que sua organização e desenvolvimento aconteçam de forma satisfatória. “[...] Outras instituições sociais e culturais (famílias, centros culturais, museus, teatros, igrejas, meios de comunicação, etc.) participam também das produções e apreciações artísticas que as pessoas conhecem e praticam.” (FERRAZ e FUSARI, 1999, p. 25-26).

Quando se compreende a educação levando em conta os aspectos sociais, econômicos, políticos, espirituais e culturais, a história se constrói e se situa no tempo e no espaço para depois se organizar. Também é preciso conhecer a realidade em que a escola está inserida, esse ponto não pode passar despercebido, pois o estudante possui família, está integrado em uma comunidade, está ligado a diferentes pessoas, traz experiências do cotidiano, possui, sentimentos, crenças, valores, enfim, estão inseridos num contexto que não pode ser ignorado. “Desde

muito pequena a criança participa das práticas sociais e culturais de sua família, de seu meio, enfim dos grupos com os quais convive. “[...] É, pois, inserida no ambiente afetivo e cultural, que a criança vai desenvolver seu processo de socialização.” (FERRAZ e FUSARI, 1999, p. 41).

Por outro lado, o conhecimento científico e experimental acontece junto aos profissionais capacitados, para trabalhar de forma pedagógica a ciência, englobando o cotidiano de cada um.

Na concepção de Barbosa (2003, p. 35-36), a aprendizagem não é apenas aquisição de conhecimentos, conteúdos ou informações. Se a prática educativa visa a formação do homem, é preciso desenvolver uma prática que possibilite tal formação e ter uma visão além da sala de aula, destacando que a aprendizagem será mais eficaz, através de experiência direta com os docentes, utilizando-se de recursos materiais, do ambiente natural e escolar e da comunidade. E, ainda apropriar-se dos recursos tecnológicos, já que estão à mão e fazem parte do cotidiano dos estudantes.

Segundo Kuenzer (2016), a aprendizagem é um processo, onde aprender a aprender, se refere a aprender praticando e assim se constrói o conhecimento, porém, vários significados vão se construindo através da articulação entre teoria e prática, sujeito e objeto. A ação do estudante concebe ressignificar a prática conforme a teoria e o professor assume papel secundário nessa relação da aprendizagem, porque as concepções de práticas docentes se diferenciam, devido as teorias e práticas que interagem diferentemente. Por isso a autora argumenta ser importante as práticas laborais, visitas, estágios ou práticas vivenciais.

De fato, o processo que faz a mediação entre teoria e prática é o trabalho educativo: é através dele que a prática se faz presente no pensamento e se transforma em teoria: do mesmo modo, é através do trabalho educativo que a teoria se faz prática, que se dá a interação entre consciências e circunstâncias, entre pensamento e bases materiais de produção, configurando-se a possibilidade de transformação da realidade. (KUENZER, 2016, p. 28).

Essa forma de conceber os procedimentos de ensino, se dá com os cursos de formação dos professores, indo além do abranger desenvolvimento de competências técnicas, mas, também a capacidade de intervenção crítica e criativa.

Segundo Piletti,

[...] Se em muitos momentos os meios de comunicação se constituem em entraves para a formação dos alunos, por outro lado representam poderosos meios de divulgação e informações, que podem ser canalizados para dentro da sala de aula. Cabe ao professor orientar a aprendizagem dos alunos no sentido de capacitá-los para criticar as informações recebidas. (PILETTI, 1985, p. 155-156).

Esse conhecer científico e habilidades não podem acontecer sem que o professor queira, senão vira uma prática mecânica do professor para o aluno. Para Barbosa,

A integração ocorre quando a aprendizagem faz sentido para os estudantes, especialmente quando a conectam com os próprios interesses, experiências de mundo e de vida. Finalmente é a mente do estudante que é integrada. É claro que, quando se diz ‘mente’, incluímos emoções, intuições, valores e experiências sensoriais. (BARBOSA, 2005, p. 296).

A integração ocorre com a assimilação dos conhecimentos e de tudo o que faz parte no processo educativo. É preciso aprender a conviver com o outro e os professores devem ser aliados na construção do indivíduo e não, simplesmente, um transmissor de conteúdo.

PLANEJAMENTO DE ENSINO

A importância do planejamento de ensino no contexto social do estudante

Quando se visa a educação, tem de se pensar em uma organização sistematizada para acontecer a aprendizagem. E, para isso é necessário um planejamento, que organize o trabalho educativo, considerando o contexto social. Também, refletir sobre qual pessoa se pretende ajudar a formar e que sociedade queremos construir, para então, decidir qual a melhor alternativa da ação educativa possível.

Para isso, é necessário elaborar um projeto de ensino, pensando em sua importância e usar a dinâmica como possibilidade de educar pessoas com diferentes momentos históricos e diferentes necessidades.

O planejamento está diretamente vinculado ao que ocorre em sala de aula e é determinante do processo ensino-aprendizagem, pois diante dos vários desafios que o professor enfrenta cotidianamente – como aluno desinteressado, excesso de alunos em sala de aula e programas muito extensos – o bom planejamento, ou seja, um planejamento que considere essas variáveis, o contexto maior da escola, das concepções educacionais e da sociedade mais ampla será um subsídio valioso para o professor. Mais do que uma simples ferramenta de trabalho, o planejamento aparece como uma possibilidade de realização de um trabalho criativo, realizador e humanizador. (MELO e URBANETZ, 2008, p. 92).

O planejamento não deve ser elaborado com o que é mais imprescindível ao docente. É preciso ter em mente o que é o melhor para os estudantes. Muitos teóricos ao discutirem educação, tais como Vygotsky, Freire, Toro, entre outros, tratam sobre a educação e o planejamento.

No planejamento de ensino se especifica o currículo a ser estudado e deve contemplar a solução de problemas, análise e interpretação de fatos, e ainda compreender e relacionar sobre a realidade local. “Ao elaborarmos o plano de ensino, antecipamos, de forma organizada, todas as etapas do trabalho escolar. A execução do plano consiste no desenvolvimento das atividades previstas.” (PILETTI, 1985, p. 64). Depois disso, avalia se houve aprendizagem, para então poder concluir a atividade ou retomá-la por meio do replanejamento. Essa avaliação é que vai permitir o aperfeiçoamento do aprendizado.

No planejamento também é necessário pensar na relação professor-aluno, que somente tem sentido e razão de ser a partir da ligação com o conhecimento.

[...] A forma como essa relação se estabelece dentro das instituições escolares e, mais especificamente, nas salas de aula, demonstra o que pensam e o que querem professores, educadores em geral e alunos, visto que cada um desses sujeitos demonstra sua concepção agindo nessa relação. (MELO e URBANETZ, 2008, p. 96).

Essa relação professor-aluno é fundamental no ensino, pois vai unir outros elementos, que fazem parte: o ensino pedagógico e o contexto social, contribuindo para realizar os objetivos visados no planejamento e a eficiência do ensino.

Segundo Kuenzer (2011, p. 15), o docente tem um relativo grau de domínio e autonomia sobre o conteúdo do próprio trabalho, considerando os currículos voltados para processos formativos e é nessa perspectiva, que o docente contribui para a formação de sujeitos, que tenham capacidade de compreender os meios e modos de produção capitalista, bem como as relações sociais que se formam, numa perspectiva de transformação social e humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tentativas e ações interdisciplinares não são recentes, porém, sua prática efetiva tem sido um desafio constante aos educadores, que acreditam ser vital à educação a construção de um espírito investigatório, baseados no hábito de debate e pesquisa científica.

Segundo os (as) autores (as) citados (as), a formação humana, na escola, não ocorre sozinha, se dá pela ação docente, modos de vida e interações que os estudantes adquirem durante o seu cotidiano.

A problemática inicial, que se coloca no centro das discussões deste trabalho, referente a prática interativa entre as disciplinas, com métodos alternativos interdisciplinares, implica na otimização dos processos de ensino junto aos estudantes, fundamentado no desencontro entre ações educativas, no que diz respeito ao ensino. Percebemos através das leituras teóricas sobre educação, que as obras citadas têm pontos comuns, ou seja, o de compreender as relações educativas para a eficiência em sala de aula. As abordagens estão sempre em torno da maneira, ou de como conduzir a prática educativa, utilizando meios pedagógicos, onde o estudante possa ter uma reflexão sensível, para traçar relações nas diversas formas críticas entre o ensino adquirido e a sociedade que esteja inserido.

Acredita-se, portanto, que se faz necessário rever os fundamentos, que se constituem em uma reflexão indispensável, no sentido de capacitar e promover o ensino aprendizagem.

Espera-se o desenvolvimento de um olhar mais crítico sobre a prática pedagógica, desenvolvida no âmbito da educação básica pública brasileira e que possa subsidiar a reconfiguração do ensino em suas metodologias e práticas pedagógicas, voltado e comprometido com o crescimento integral dos estudantes, onde os mesmos possam fazer suas interpretações e estabelecer o conhecimento sobre o que não faz parte do seu cotidiano, mas que existe e está bem próximo da sua realidade e que perpassam, também, pelo seu desenvolvimento ético e cultural.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e mudanças no ensino da arte. Ed. 2ª. São Paulo: Cortez, 2003.

BOCHNIAK, Regina. Questionar o conhecimento: Interdisciplinaridade na escola...e fora dela. São Paulo: Loyola, 1992.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. O conceito de ensino. Revista Educação. Ensino Superior Canvas. Ed 140ª. São Paulo: 09/2011. <https://revistaensinosuperior.com.br/o-conceito-de-ensino/> Acesso em: 04/06/2021.

ELIAS, Marisa Del Cioppo; FELDMANN, Marina Graziela. A busca da interdisciplinaridade e competência nas disciplinas dos cursos de Pedagogia. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). Práticas interdisciplinares na escola. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 91- 102.

FAZENDA, Ivani (coord.). Práticas interdisciplinares na escola. Ed 2ª. São Paulo: Cortez, 1995.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F de Rezende e. Metodologia do ensino de arte. Ed 2ª. São Paulo: Cortez, 1999.

KUENZER, Acácia. Zeneida. O ensino médio no plano nacional de educação 2011-2020: superando a década perdida? In. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 112, p. 851-873, jul. – set. 2010 a. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 05/03/2021.

_____. Trabalho e escola: a aprendizagem flexibilizada. Rev. Do Trib. Reg. Trab. 10ª Região, Brasília, v. 20, n. 2, 2016.

MELO, Alessandro de; URBANETZ, Sandra Terezinha. Fundamentos de Didática. Curitiba: IBPEX, 2008.

MÉSZAROS, István. A educação para além do capital. Trad. Isa Tavares. Ed 2. São Paulo: Boitempo, 2008.

PILETTI, Claudino. Didática Geral. Ed. 4ª. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

20 DE DEZEMBRO DE 1996. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL Nº 9.394. TÍTULO I. Da Educação. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 31/05/2021.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.